

## EVOLUÇÃO DO PROJETO DE PLANTAS DE APARTAMENTOS EM CURITIBA: UMA ANÁLISE DA OBRA DO ARQUITETO ELGSON RIBEIRO GOMES

### EVOLUTION OF APARTMENT'S PLANT DESIGN IN CURITIBA: AN ANALYSIS OF THE WORKS OF ARCHITECT ELGSON RIBEIRO GOMES

### EVOLUCIÓN DEL DISEÑO DE PLANTAS DE APARTAMENTOS EN CURITIBA: UN ANÁLISIS DE LA OBRA DEL ARQUITECTO ELGSON RIBEIRO GOMES

**Fabiano Borba Vianna**, Doutor e mestre em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (FAUUSP). Pesquisador visitante na Delft University of Technology (TU DELFT). Especialização em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professor assistente na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Arquiteto e urbanista no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). Foi colaborador do escritório Jaime Lerner Arquitetos Associados. Atuação na área de arquitetura e urbanismo, com ênfase em Planejamento Urbano, Projeto Urbano e Projeto de Arquitetura.

#### Resumo

O objetivo deste artigo é identificar elementos para analisar a evolução do projeto de plantas de apartamentos em Curitiba, com ênfase na obra do arquiteto Elgson Ribeiro Gomes. Considera-se o aparecimento dos primeiros projetos de apartamentos na cidade e a transição para um momento de maior especialização dos seus autores, com evolução qualitativa no desenho das plantas. O método considera uma dupla estratégia, com abordagem bibliográfica e analítica, a partir do mapeamento das plantas e do seu redesenho sintético na forma de diagramas. A análise de plantas possibilita identificar diferentes elementos de desenho e aumentar a compreensão sobre as razões de suas alterações ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** Apartamentos; Edifícios residenciais; Habitação, Tipologia, Verticalização.

#### Abstract

The aim of this essay is to identify elements to analyze the evolution of plant design of apartment in Curitiba, with emphasis on the work of architect Elgson Ribeiro Gomes. It is considered the early designs of apartments in the city, and the transition to a moment of

greater specialization of its authors, with qualitative evolution in the design of plants. The method considers a double strategy, with bibliographical and analytical approach, from mapping of the plants to their redesign in the form of synthetic diagrams. Plant analysis makes it possible to identify different design elements and increase understanding of the reasons for their changes over time.

**Keywords:** Apartments; Residential buildings; Housing; Typology; Verticalization.

## Resumen

El objetivo de este artículo es identificar elementos para analizar la evolución del diseño de plantas de apartamentos en Curitiba, con énfasis en la obra del arquitecto Elgson Ribeiro Gomes. Se considera la aparición de los primeros proyectos de apartamentos en la ciudad y la transición a un momento de mayor especialización de sus autores, con evolución cualitativa en el diseño de las plantas. El método considera una doble estrategia, con abordaje bibliográfico y analítico, a partir del mapeo de las plantas y de su rediseño sintético en forma de diagramas. El análisis de plantas permite identificar diferentes elementos de diseño y aumentar la comprensión sobre las razones de sus cambios a lo largo del tiempo.

**Palabras Clave:** Apartamentos; Edificios residenciales; Vivienda; Tipología; Verticalización.

## INTRODUÇÃO

**E**ste artigo tem por objetivo apontar elementos para analisar a evolução do projeto de plantas de apartamentos em Curitiba. Considera-se o desenvolvimento dos primeiros edifícios de apartamentos na cidade e a transição para um momento de maior especialização do seu projeto, a partir de uma análise das plantas das unidades. Enfatiza-se, para efeito de comparação qualitativa nesse processo, a obra do arquiteto Elgson Ribeiro Gomes, cuja produção entre os anos de 1950 e 1980 pode ser considerada quantitativamente expressiva na cidade de Curitiba e por evidenciar uma transição qualitativa no resultado dos projetos nesse período, quando comparada com a produção imediatamente anterior na cidade.

As plantas dos apartamentos são estudadas segundo aspectos que tratam sobre o nível físico da unidade habitacional e seus espaços e compartimentos, com ênfase na distribuição funcional. A leitura é feita a partir do desenho de diagramas de análise funcional e diagramas de distribuição de unidades por pavimento. A coleta de dados, com o mapeamento das plantas dos apartamentos, foi realizada a partir de pesquisa nas plantas dos alvarás de construção do acervo do Arquivo Público de Curitiba, todavia, consideram-se também fontes diversas com plantas coletadas em livros, pesquisas e material de divulgação dos apartamentos. Posteriormente, amostras selecionadas de plantas foram redesenhadas na forma de diagramas sintéticos.

O método de análise considera os diagramas de distribuição funcional representados a partir de quatro marcações gráficas: a) convívio íntimo; b) convívio social; c) serviços; d) varanda/terraço. O método proporciona avaliar, com a leitura dos diagramas, parâmetros projetuais como: proporção entre cada setor; integração entre os setores; relação entre os compartimentos; polivalência no uso dos compartimentos; áreas de estocagem; fluxos e circulações. Os diagramas de distribuição de unidades por pavimento, por sua vez, possibilitam avaliar: relação entre núcleo de circulação vertical e as unidades habitacionais; relação entre as unidades e o perímetro da edificação; circulação horizontal entre unidades; número de unidades por pavimento.

Importa esclarecer que a pesquisa trata de análise gráfica, com recurso visual de leitura das plantas, pois não se teve a preocupação de comparar medidas e áreas dos ambientes. Compreende-se que esse método de análise é complementar a outras formas de investigação do projeto de plantas, pois não se pretende esgotar as possibilidades de avaliação dos desenhos. Entretanto, o método possibilita identificar elementos de projeto, proporcionando a comparação entre diferentes plantas.

## TRANSFORMAÇÃO URBANA E POLÍTICA HABITACIONAL

Nos anos de 1940, concomitante ao plano elaborado pelo urbanista francês Alfred Agache para Curitiba (BOLETIM PMC, 1943), surgem novos valores urbanos na cidade, com reflexo na escala e no porte das novas construções, momento em que edifícios de maior altura começam a surgir na paisagem curitibana, com destaque para os edifícios de apartamentos. Fruto de um desenvolvimento urbano tardio quando comparada com os grandes centros urbanos do país, percebe-se inicialmente em Curitiba, pelos projetos analisados, certo anacronismo no desenvolvimento arquitetônico dos primeiros edifícios de apartamentos, fato que será revertido com maior contundência a partir da fundação do curso de arquitetura da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 1962.

Todavia, os projetos de apartamentos do arquiteto Elgson Ribeiro Gomes ganham relevância por apresentarem uma transição qualitativa nos processos de projeto entre os anos de 1950 e 1960 em Curitiba, em razão de sua formação como arquiteto na Universidade Mackenzie, em São Paulo e, também, em razão dos conhecimentos adquiridos do período em que trabalhou no escritório de Adolf Franz Heep, entre 1949 e 1958 (GOMES, 2012). Considera-se que a figura profissional do arquiteto Elgson Gomes representou em Curitiba um momento de conjunção entre a grande produção do mercado imobiliário local e o desenvolvimento de pesquisa acadêmica, por ter sido o autor também professor de arquitetura e urbanismo na UFPR desde o início do curso, em 1962, até sua aposentadoria da atividade docente.

Numa apreciação quanto ao quadro nacional, deve-se considerar que nos anos de 1940 ocorreram importantes transformações urbanas nas principais cidades do país, com intervenções do Estado no setor habitacional. Destaca-se a produção de moradias vinculadas aos Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs), a criação da Fundação da Casa Popular e a promulgação da Lei do Inquilinato, com o congelamento dos aluguéis durante o Estado Novo do governo Getúlio Vargas (BONDUKI, 1998). Na cidade de São Paulo, o projeto de edifícios residenciais formou seus primeiros exemplares ainda em meados da década de 1920, quando tem início o processo de verticalização na cidade, com a peculiaridade de serem os primeiros apartamentos destinados basicamente ao aluguel. A planta das unidades, no início, ainda procurava reproduzir a rígida setorização das casas da época, sendo que os projetos eram moldados conforme os estilos e preferências de cada momento (LEMOS, 1990).

Ao descrever a evolução desse processo, Carlos Lemos assinala a importância da instituição da Lei do Inquilinato como responsável por uma transformação na tipologia do edifício residencial, em razão da desvantagem financeira decorrente da economia rentista. Segundo o autor, com a promulgação da lei em 1942, a construção de edifícios para aluguel praticamente parou de existir, sendo a classe média a mais afetada devido à carência de novas habitações destinadas a ela. Esse dispositivo legal, que congelou os aluguéis, fez surgir a presença do especulador imobiliário, figura que passou a atuar como um “condicionador de gostos e preferências arquitetônicas” (LEMOS, 1990, p. 57).

Nestor Goulart Reis Filho (2014) também descreve, referindo-se à década de 1930, o surgimento dos edifícios de apartamentos. Os edifícios eram resolvidos como as casas da época, e não como um problema novo. Repetiam as soluções de planta das casas isoladas e a própria implantação no lote urbano, com a preocupação de ornamentar a fachada junto à rua acompanhando os estilismos do momento. Segue o autor:

Os novos tipos de edificação conservariam os mesmos lotes e os mesmos esquemas de relacionamento com esses, como as antigas habitações, cujos terrenos tinham vindo ocupar. Torturavam-se então as plantas, a tentar conciliar os velhos esquemas com as novas estruturas. Ocupando-se novamente dois ou três dos limites laterais dos terrenos, sobravam as áreas internas como solução para arejamento e iluminação dos vários compartimentos afastados da rua (REIS FILHO, 2014, p. 79).

## INÍCIO DA VERTICALIZAÇÃO EM CURITIBA

Em Curitiba, o quadro nacional terá repercussão local principalmente a partir da década de 1940, com destaque para o período de vigor econômico que o Estado do Paraná registrava em razão da expansão da economia cafeeira. Porém, já nos anos de 1930 surge um edifício relevante na esfera regional. Localizado em lote de esquina no prolongamento da Rua XV de Novembro, na Avenida Luiz Xavier, ergue-se em 1933 o Edifício Garcez, de autoria do engenheiro João Moreira Garcez (GNOATO, 2009). Com nove pavimentos de altura, o edifício é considerado o primeiro arranha-céu de Curitiba, sendo que introduziu técnicas construtivas e materiais ainda incomuns para as práticas locais. Inicialmente pensado para comportar um hotel, o Edifício Garcez acabou sendo utilizado para escritórios comerciais, estabelecendo um marco na paisagem curitibana, destacando visualmente a ligação entre a Rua XV de Novembro e a Praça Osório.

Outro edifício de importância local está localizado em lote de esquina em frente à Praça Tiradentes, ao lado da Catedral Matriz. O edifício residencial Nossa Senhora da Luz, projetado em 1940, é formado por térreo comercial e sete pavimentos, com seis apartamentos por pavimento. O corpo da torre utiliza todo o perímetro do lote, como uma extrusão de sua área repetida sete vezes, com vazio interno tipo fosso de ventilação para as áreas de serviços das unidades residenciais. As unidades possuem um terraço de serviços voltado para este vazio no interior do lote. O terraço de serviços como uma área residual da planta é comum nos primeiros apartamentos, um arranjo espacial advindo da setorização típica das residências unifamiliares e que será repetido nas plantas dos apartamentos do período.

O arquiteto Elgson Ribeiro Gomes descreve, conforme declarou em palestra no IAB-PR em 1995, que acompanhou a execução do Edifício Nossa Senhora da Luz como funcionário da construtora Surugi & Colli, ainda como estudante de engenharia, na função de apontador de obras, sendo que o projetista da construtora, responsável pelo projeto do edifício, tinha *status* de arquiteto, porém, sem titulação formal (GOMES, 2012).

Também é um exemplar representativo o Edifício Pizzato, de 1940, implantado em frente ao Parque Passeio Público de Curitiba. O edifício apresenta solução em lote de esquina com desenho de balcão curvo de transição entre as duas fachadas principais no alinhamento predial. Esse desenho, com balcão de ligação a formar a dobra do edifício na esquina, é recorrente no período. A própria escolha dos terrenos para construção, em lotes de esquina, propicia o dimensionamento de áreas de convívio, com salas e quartos voltados às duas fachadas principais no alinhamento predial, ocultando e comprimindo áreas de serviços para o interior do lote.

A despeito da presença de uma circulação vertical comum a distribuir acesso a várias unidades residenciais, percebe-se nesses primeiros edifícios de apartamentos uma segmentação funcional de planta ainda similar ao observado nas casas térreas, com áreas sociais à frente e áreas de serviços localizadas no interior do lote. O edifício em lote de meio de quadra, mais complexo de projetar em razão de suas duas fachadas cegas de divisa lateral do lote, só irá aparecer em Curitiba uma década depois, numa evolução dos processos de projeto.

A partir dos anos de 1950, deve-se considerar maior interferência da legislação urbana na produção da habitação coletiva. Conforme aponta Salvador Gnoato

(2009), o Plano Agache já especificava um código de obras, sobre o qual, em 1953, surge a lei que dispõe a respeito do Código de Posturas e Obras do Município de Curitiba. A lei refere-se também ao zoneamento, sendo que atualiza um conjunto de ordenamentos que continha decretos e leis ainda do início do século, incompatíveis com a nova dinâmica urbana.

Um dos projetistas de destaque no âmbito curitibano será Romeu Paulo da Costa, que estudou engenharia civil na Universidade Federal do Paraná e desenvolveu, entre outros, o projeto do Edifício Banco Comercial do Paraná, em 1953, da Sinagoga Francisco Frischmann, em 1959, e da Escola Barão do Rio Branco, em 1961. É autor também do projeto da Biblioteca Pública do Paraná, em 1951, edifício construído no domínio das comemorações do centenário da emancipação política do Estado do Paraná (SUTIL; GNOATO, 2004). O edifício residencial Marumby, projetado pelo engenheiro em 1947, tornou-se o edifício mais alto da cidade na época, com 13 pavimentos.

O Edifício Marumby (Figura 1) possui quatro unidades por pavimento, com vazio central de ventilação e iluminação. Pelo desenho da planta do pavimento tipo, percebe-se que o núcleo de circulação vertical, acoplado às unidades de modo a contornar o vazio central, tem funcionamento similar a um anexo. Com relação à análise do diagrama da planta de uma unidade do Edifício Marumby, verifica-se também a presença do terraço de serviços em área privativa externa ao apartamento, aberta, sendo que funciona como circulação e acesso ao quarto de auxiliar doméstico, ao banheiro de serviço e à cozinha.



Figura 1: A) Projeto de João Moreira Garcez, Edifício Garcez, 1933; B) Projeto da construtora Surugi & Colli, Edifício Nossa Senhora da Luz, 1940; C) Projeto de Romeu Paulo da Costa, Edifício Marumby, 1947.

Fonte: Fotos do autor.

Também de autoria de Romeu Paulo da Costa, o Edifício Ângela Perrone, de 1950, segue solução semelhante à do Edifício Marumby, com extrusão de um terreno de esquina no eixo histórico da Rua Riachuelo. O edifício sobrepõe pavimentos que ocupam quase a totalidade da área do lote, com a solução de esquina com balcão curvo de ligação entre as duas fachadas do edifício, a exemplo dos projetos já mencionados.

Ao se comparar o arranjo interno das unidades, percebe-se no Edifício Ângela Perrone, por meio da leitura dos diagramas, a separação bem definida entre os setores – social, íntimo e serviços –, mantendo fosso de iluminação formado parcialmente

pela empena lateral do edifício vizinho, além do terraço de serviços aberto em área privativa externa (Figura 2). Áreas de convívio social e íntimas estão voltadas para o alinhamento predial e espaços de serviços com terraço estão comprimidos no interior do lote, formando uma disposição espacial que revela hierarquia social de fluxos e ambientes.

Ressalta-se, também, que as normas técnicas de instalações prediais e normatização de segurança para edificações de vários pavimentos ainda são rudimentares nesse período, principalmente relacionadas aos sistemas de aquecimento de água, fornecimento de gás, ao sistema de escada protegida de emergência e, ainda, à coleta e depósito de resíduos. Ao longo do tempo, a evolução das normas técnicas terá impacto no dimensionamento das plantas de apartamentos.



Figura 2: Diagramas com unidades por pavimento e distribuição funcional das unidades 4 e 1, respectivamente. A) Edifício Marumby, 1947; B) Edifício Ângela Perrone, 1950.  
Fonte: Elaborado pelo autor.

## TRANSIÇÃO QUALITATIVA DO PROJETO DE PLANTAS DE APARTAMENTOS

O edifício-sede do antigo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (Iapi) pode ser considerado paradigmático para a realidade da arquitetura de Curitiba. Localizado na esquina oposta da mesma quadra do Edifício Marumby, ambos na Rua XV de Novembro, foi projetado em 1955 por Ulisses Burlamaqui. Formado no Rio de Janeiro, Burlamaqui possuía um grau de especialização muito superior à prática arquitetônica curitibana do período. O edifício de uso misto é formado por dois corpos principais, com parte inferior com área para escritórios sobreposta por torre em forma de edifício laminar com apartamentos. Apesar de situar-se em lote de esquina, a implantação das massas rompe com o desenho característico dos edifícios antecessores, eliminando o tradicional balcão curvo na dobra das fachadas. Brises tipo colmeia de geometria quadrada destacam o embasamento do edifício, reforçando visualmente a separação funcional do projeto (Figura 3).

Com modulação estrutural formada por apenas duas linhas paralelas de pilares e balanços nos dois lados no sentido transversal, dois núcleos de circulação vertical servem duas unidades habitacionais cada. No projeto do Iapi há clara separação entre estrutura e vedações, o que proporciona liberdade espacial da compartimentação interna e fachada livre, com grandes esquadrias de vidro. Os apartamentos têm cozinha compacta com copa para refeições correntes, instalações sanitárias com dutos de ventilação – tecnicamente mais eficientes do que os antigos vazios com fosso – e dimensionamento de áreas de estocagem com previsão de armário embutido.

Com três quartos, a modulação estrutural permite polivalência no uso, com possibilidade de reversão de ambientes de forma a integrar um quarto à sala, por exemplo, ou mesmo à área do depósito, com ligação prevista pela área de serviços e que pode ser transformada como ampliação do espaço de convívio. Nesse edifício, percebe-se com nitidez um salto qualitativo no projeto de apartamentos em Curitiba, por demonstrar um repertório arquitetônico, pode-se dizer, até então inédito na capital paranaense.

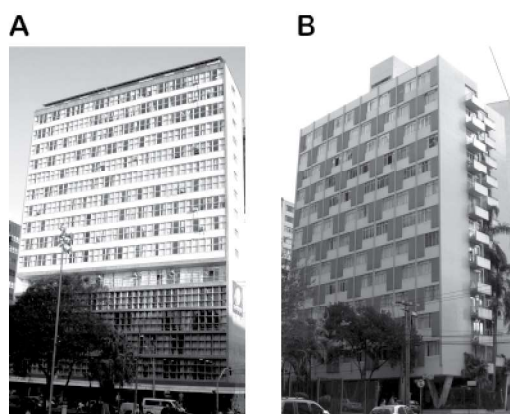


Figura 3: A) Projeto de Ulisses Burlamaqui, Edifício Iapi, 1955; B) Projeto de André Masini, Edifício Anita, 1961.

Fonte: Fotos do autor.

Dois edifícios residenciais projetados pelo engenheiro André Masini merecem ser destacados no período de transição para o momento de maior especialização do projeto de apartamentos verificado nos anos de 1960. O primeiro é o Edifício Brasília de Araújo, de 1960, uma edificação que estabelece um marco na paisagem urbana da Rua Visconde de Nácar, no centro da cidade. O corpo do edifício é dividido em três volumes prismáticos de alturas diferentes, interligados por dois núcleos de circulação vertical entre eles. O volume frontal apoia-se em pilotis, liberando área de jardim com espelho d'água no térreo com ligação à rua, criando um espaço integrado que qualifica a paisagem árida do centro da cidade. Um painel de arte na fachada principal, montado em mosaico de vidro, completa a relação entre espaço público e privado que o edifício estabelece, numa liberalidade espacial fruto de uma época em que os edifícios ainda não estavam fortificados com muros e guaritas de segurança.

O segundo projeto de autoria de Masini a destacar, o Edifício Anita, de 1961, tem localização de esquina com pilotis em forma de “V”, e também jardim e painel de arte de mosaicos no térreo. O prédio é formado por dois blocos prismáticos deslocados em meio nível de altura um do outro. Dessa forma, um único núcleo de circulação

vertical atende os dois blocos, cada um com seu elevador, porém, com escada comum, com acesso das unidades pelos patamares intermediários, compactando ao máximo o núcleo de circulação vertical que alimenta quatro unidades por pavimento.

A verificação do diagrama de distribuição funcional de uma unidade do Edifício Anita revela o desenho de área de serviços tipo corredor, também com ligação à cozinha, ao quarto de auxiliar doméstico e ao banheiro de serviço, porém, não mais em terraço aberto no fosso de ventilação, como observado nos edifícios Marumby e Ângela Perrone. O diagrama revela que a unidade com três dormitórios tem apenas um banheiro, sendo que a área de convívio social é dividida em dois ambientes parcialmente integrados, com possibilidade de utilização como uma grande área contínua, ou divididos em sala de estar e sala de jantar, mediados por divisórias de correr (Figura 4). Destaca-se, ainda, a relação entre a modulação estrutural e o dimensionamento dos compartimentos internos, com flexibilidade espacial entre os ambientes e o desenho de uma fachada neutra, com repetição de elementos.

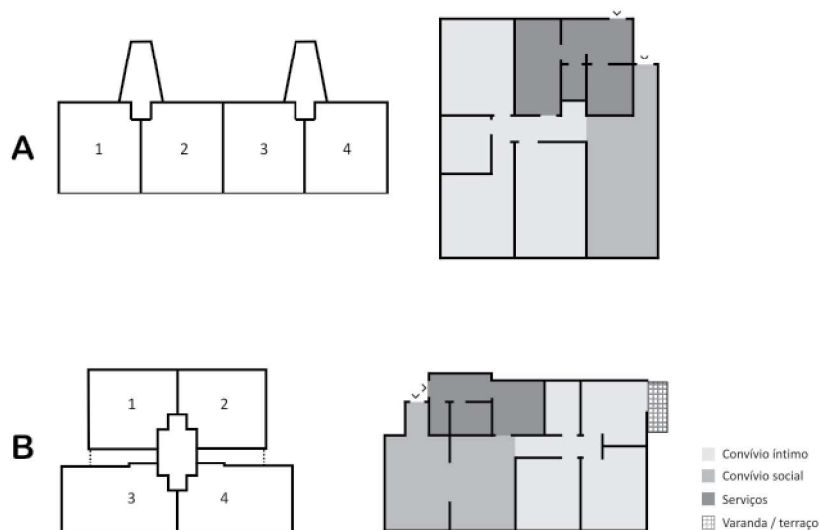


Figura 4: Diagramas com unidades por pavimento e distribuição funcional das unidades 1 e 4, respectivamente. A) Ulisses Burlamaqui, Edifício Iapi, 1955; B) André Masini, Edifício Anita, 1961  
Fonte: Elaborado pelo autor.

A implantação em dois blocos do Edifício Anita, com desnível entre eles apesar do terreno plano, possibilitou criar uma área interna, vedada parcialmente com elementos vazados, local em que se localiza o espaço de serviços das unidades. Trata-se de uma evolução dos antigos fossos de iluminação e ventilação, sendo que o desnível criado desalinha as janelas das duas torres, garantindo maior privacidade dos apartamentos, de forma a minimizar os efeitos negativos da proximidade entre os dois prismas. Na setorização da planta da unidade, a concentração da coluna hidráulica inclui o banheiro da área íntima, localizado na divisa com a cozinha. Pelo conjunto de soluções de projeto, compreende-se que a obra de André Masini demonstra potencial para ser investigada e aprofundada em novas pesquisas, pois seus projetos estão praticamente ausentes da literatura que trata da arquitetura de Curitiba.

## ANÁLISE DE PLANTAS DE ELGSON RIBEIRO GOMES

Nos anos iniciais da década de 1960, surgem em Curitiba os primeiros edifícios residenciais projetados pelo arquiteto Elgson Ribeiro Gomes, que acabava de retornar à cidade após uma década de estudos e trabalho na cidade de São Paulo. Cita-se, como exemplo desses primeiros projetos, os edifícios América e Canadá, ambos de 1960, e os edifícios Alvorada e Itália, ambos de 1961. Elgson Gomes teve uma atuação profissional intensa que resultou em mais de duas centenas de obras construídas, conjugando a prática projetual em escritório com a atuação docente, como professor do curso de arquitetura da UFPR.

Após cursar engenharia civil na UFPR, Elgson Gomes estudou, conforme já mencionado, na Faculdade de Arquitetura do Mackenzie, em São Paulo, e trabalhou no escritório do arquiteto Adolf Franz Heep. Ao retornar a Curitiba no final dos anos de 1950, Elgson Gomes tinha formação e experiência cultural superior à encontrada na esfera local para atuar em arquitetura, de modo que introduziu uma nova concepção profissional no mercado curitibano, por meio da prática em escritório de arquitetura. Importa destacar dois projetos que Elgson Gomes desenvolveu em coautoria com Franz Heep no Paraná: o Edifício Souza Naves, de 1953, em Curitiba; e o conjunto Mapi, de 1957, em Caiobá, no litoral paranaense (GNOATO, 1997).

Ao se analisarem os diagramas de planta do Edifício Itália, percebe-se uma tipologia com seis unidades por pavimento, contemplando apartamentos com dois e três dormitórios, uma variação dimensional que procura atender a um programa habitacional sintonizado a diferentes arranjos familiares, principalmente famílias com menor número de membros e com variações de renda. O diagrama de análise da unidade com dois dormitórios revela, a partir de um vestíbulo de distribuição, um espaço de convívio alargado que centraliza os demais ambientes. Um único banheiro ventilado por duto serve a todo o apartamento. A área de serviços é desenhada como uma extensão da cozinha de formato linear que, por sua vez, é acessada diretamente pelo vestíbulo de entrada, único acesso da unidade.

O núcleo de serviços dessa unidade do Edifício Itália é posicionado na fachada principal do edifício, formando um elemento de composição com varanda e elementos vazados, e não mais em terraço em área residual confinada no interior do lote, como se observa nas plantas dos edifícios da fase inicial de verticalização. Por atender famílias com faixas de renda diferentes, trata-se de uma unidade habitacional compacta, sem a existência do quarto de auxiliar doméstico. Cabe ressaltar a atenção ao detalhamento das esquadrias, janelas com amplas áreas de iluminação e ventilação, além de floreiras que criam textura e qualificam ambientalmente a fachada, que é levemente curvada e com geometria que segue a forma irregular do lote. Evidencia-se, ainda, a mediação da arquitetura com o partido estrutural modular, a formar uma viga de transição no térreo como elemento de composição entre a base e a torre (Figura 5).

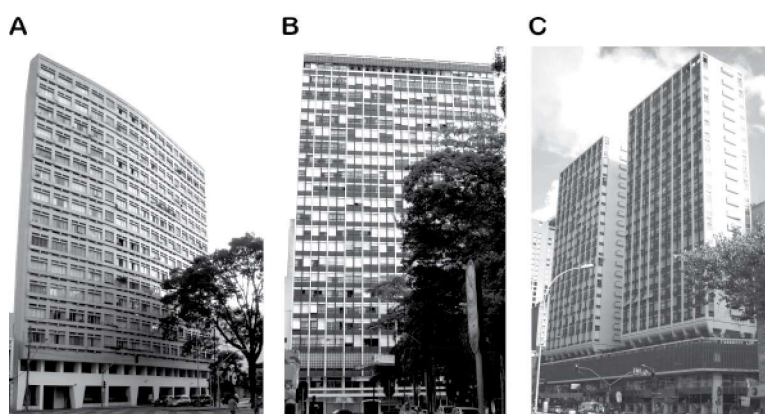


Figura 5: Projetos de Elgson Ribeiro Gomes. A) Edifício Itália, 1961; B) Edifício André de Barros, 1968; C) Edifício Gemini, 1970.  
Fonte: Fotos do autor.

A partir do ano de 1962, com a criação do curso de arquitetura da UFPR, inaugura-se um momento promissor da arquitetura de Curitiba, período denominado por Alberto Xavier (1985, p. XIV) como “a fase de transformação”. No domínio da criação do curso de arquitetura, diversos arquitetos se instalaram na cidade, com atuação profissional em diferentes programas e tipologias arquitetônicas, num momento de grande crescimento urbano. A tipologia do edifício de apartamentos, da mesma maneira, foi bastante desenvolvida pelos arquitetos desse período. Elgson Gomes, conforme mencionado, já estava atuando profissionalmente em Curitiba e realizará, a partir desse momento, sua produção mais contundente de projetos de apartamentos.

Outro projeto relevante de Elgson Gomes está localizado em lote de esquina frontal à Praça Osório. Trata-se do Edifício André de Barros, de 1968, projeto que atende a um programa habitacional com apartamentos de três dormitórios. Nessa planta, percebe-se pelo diagrama de análise a distribuição dos arranjos internos determinada pela modulação da estrutura, que se revela com ritmo regular na fachada principal da edificação. Dois sanitários atendem os três dormitórios, sendo o dimensionamento da suíte menor do que o do banheiro de uso coletivo, seguindo uma lógica funcional, uma vez que aquela é utilizada apenas pelo casal. Os dois banheiros têm ventilação indireta através da área de serviços disposta em forma de corredor. Na planta do pavimento percebe-se a dobra do corpo principal do edifício acompanhando a esquina do lote, de forma a maximizar os espaços de convívio dos apartamentos, aproveitando a melhor orientação solar e visuais para a Praça Osório, ao mesmo tempo que comprime os ambientes de serviços localizados na parte posterior da edificação.

Um dos exemplares mais emblemáticos projetados por Elgson Gomes, em razão de suas perspectivas visuais no centro da cidade, é o Edifício Gemini, de 1970, que fica localizado em lote de esquina com face para três ruas no centro da cidade. Suas duas torres nascem a partir de um único volume translúcido com garagem, formado por elementos vazados desenhados pelo arquiteto. O corpo das torres transmite leveza em razão da soltura dos prismas em relação à base da garagem, a revelar os pilares em “V” na junção. Todo o conjunto apoia-se em uma caixa de vidro que forma a frente comercial junto à rua, evidenciando a laje em balanço da garagem.

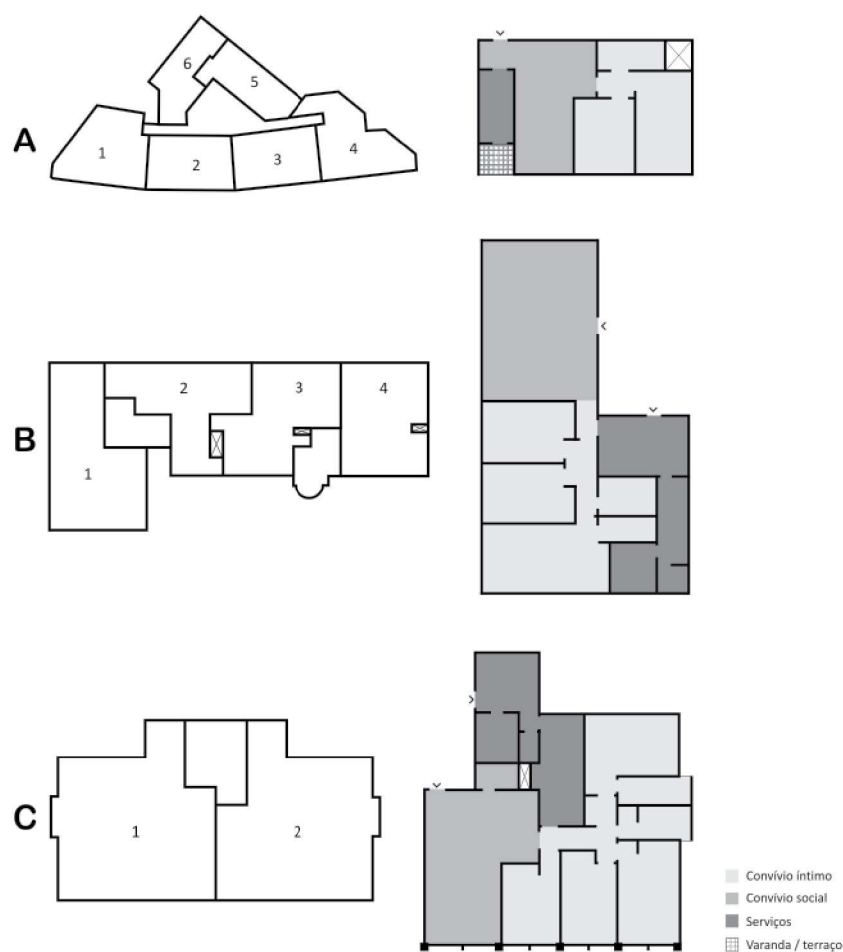


Figura 6: Diagramas com unidades por pavimento e distribuição funcional das unidades 2, 1 e 2, respectivamente. A) Edifício Itália, 1961; B) Edifício André de Barros, 1968; C) Edifício Gemini, 1970. Fonte: Elaborado pelo autor.

O sistema estrutural do Edifício Gemini, formado por pilares em concreto armado com modulação revelada na fachada principal do edifício, determina a distribuição interna dos ambientes, sofrendo leve alargamento no vão estrutural para compor a sala principal da unidade, conforme se observa pelo diagrama de análise (Figura 6). Cada torre possui um conjunto de circulação vertical para duas unidades com quatro dormitórios. Cabe ressaltar, também, o tratamento das empenas laterais, com aberturas e pequenos balcões de iluminação dos banheiros, soltos do plano da fachada lateral, um recurso muito utilizado no repertório de projetos do arquiteto. O detalhamento das empenas laterais, raramente cegas, pode ser observado em diversos projetos do autor.

Na planta do Gemini, nota-se a proporção de dois banheiros para quatro dormitórios, sendo uma suíte. Atenta-se, também, para o fato de o banheiro maior e equipado com banheira não estar localizado na suíte. Seu uso é comum aos demais moradores, a exemplo do Edifício André de Barros. O bidê ainda é um equipamento sanitário presente no desenho dos banheiros, e áreas de estocagem, como despensas e armários embutidos nos dormitórios, fazem parte da preocupação do arquiteto,

sendo dimensionados na planta. O lavabo junto à sala principal, inexistente nos primeiros apartamentos relatados anteriormente, passa a ter presença recorrente nos projetos para padrões de renda similares do período.

Percebe-se, pelo diagrama de distribuição funcional da planta do Edifício Gemini que, exceto a suíte, os três outros dormitórios têm dimensionamento decrescente à medida que se aproximam da sala de estar. O quarto menor, na divisa com a sala, tem função polivalente e pode ser utilizado como uma sala íntima, escritório ou, ainda, revertido e incorporado à sala, a formar um grande espaço comum. A área de serviços da unidade forma um ambiente autônomo, diferentemente do modelo em formato de corredor. A área de serviço tipo corredor é um arranjo comum em projetos de apartamentos do mesmo período e pode ser observada, por exemplo, na planta da unidade do Edifício André de Barros.

### SISTEMATIZAÇÃO DE PLANTAS DE ELGSON RIBEIRO GOMES

Além das grandes torres de forte impacto visual no centro da cidade, Elgson Gomes também projetou edifícios de menor tamanho, menos conhecidos pela localização afastada da região central. O arquiteto utilizou uma vasta gama de tipologias de projeto (Figura 7), sintetizadas em razão do cruzamento de três sistemas principais: a) necessidades programáticas; b) imposições da legislação; c) condicionantes do sítio.

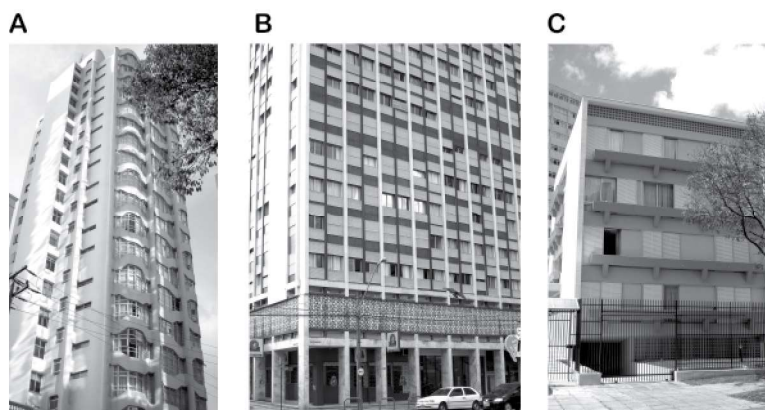


Figura 7: Projetos de Elgson Ribeiro Gomes. A) Edifício Canadá, 1960; B) Edifício Leonor Moreira Garcez, 1971; C) Edifício Buriti, 1976.

Fonte: Fotos do autor.

O método resultou num repertório de elementos-tipos, assegurando um desenho característico das unidades habitacionais, independentemente de suas dimensões ou faixa de renda a que se destinam. Assim, podem-se indicar seus edifícios de apartamentos divididos em quatro categorias principais, segundo o partido adotado:

1) Prisma autônomo: torre solta das divisas, com circulação vertical central ou deslocada à sua face posterior. Exemplos de edifícios: Canadá (1960), Valência (1967), Maurício Thá (1967), Dom Pedro II (1968), Gemini (1970), Parque das Graças (1971), José Biscaia (1974).

2) Edifício laminar: disposição linear com implantação em meio de quadra ou esquina. Exemplos de edifícios: Paraná (1962), Baeta de Faria (1966), Buriti (1976).

3) Modelagem do terreno: extrusão do lote com dobras e recuos no volume. Exemplos de edifícios: América (1960), Alvorada (1961), Itália (1961), Colombo (1965), Barão do Cerro Azul (1966), Veneza (1967), André de Barros (1968), Carolina (1970), Leonor Moreira Garcez (1971), Rosy (1975).

4) Barras paralelas interligadas: dois edifícios laminares paralelos com circulação por ponte de ligação. Como variação em alguns casos, elementos vazados envolvem o conjunto a formar um único volume. Exemplos de edifícios: Kennedy (1967), Fernão Dias (1969), Pedro Álvares Cabral (1973).

Um projeto de destaque do autor encontra-se nos edifícios Maurício Thá e Veneza, de 1967 (Figura 8). Ambos são desenhados como um único projeto, determinando, porém, edifícios independentes a partir da junção de duas tipologias diferentes num mesmo lote, ou seja: prisma autônomo e modelagem do terreno.

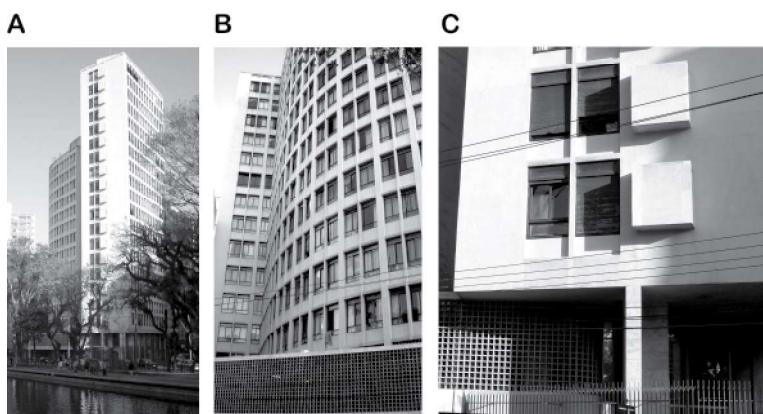


Figura 8: Projetos de Elgson Ribeiro Gomes. A) Vista do Edifício Maurício Thá; B) Vista do Edifício Veneza; C) Detalhe da junção entre os dois edifícios.  
Fonte: Fotos do autor.

Cada edifício atende a programas habitacionais diferentes e segmentos comerciais diversos. O Edifício Maurício Thá (prisma autônomo) é desenhado como uma torre, com núcleo de circulação vertical conectado a duas unidades de três dormitórios por pavimento. A análise de sua planta revela uma área de serviços com disposição em corredor, uma reinterpretação dos antigos terraços de serviços, porém, fechado com elementos vazados. Sala e quartos acompanham a modulação regular da estrutura, com destaque para os pequenos volumes de iluminação dos banheiros que sobressaem na composição da empena lateral.

Já o Edifício Veneza (modelagem do terreno) tem unidades de padrão comercial mais modesto e menor dimensão, com cinco apartamentos por pavimento acessados através de balcão de circulação lateral semiaberto. A disposição das unidades em leque, semelhante à planta dos edifícios Itália e Barão do Cerro Azul, novamente é utilizada para formar um edifício curvo, com interior crescente em direção às aberturas da fachada. O desenho resultante aumenta a visibilidade do interior dos apartamentos ao maciço vegetal do Parque Passeio Público, frontal ao lote. A área de serviços é desenhada como uma pequena extensão da cozinha que, junto ao banheiro, tem ventilação indireta pelo balcão de circulação horizontal. A fachada

neutra, com repetição de esquadrias e estrutura modular, possibilita alterações de planta com integração entre sala, quarto e cozinha, a partir da simples supressão de paredes (Figura 9).



Figura 9: Edifício Maurício Thá e Edifício Veneza, 1967. A) Diagrama de implantação; B) Diagrama com unidades por pavimento nos dois edifícios; C) Diagramas com distribuição funcional das unidades 1 e 3, respectivamente.  
Fonte: Elaborado pelo autor.

Da forma como foram concebidos, os dois edifícios, em conjunto, abrigam grande diversidade de arranjos familiares, a partir de um programa habitacional em sintonia com as transformações demográficas que já demonstravam evidências em Curitiba no final da década de 1960. Cumpre destacar, ainda, o volume da garagem do Edifício Maurício Thá. Fechado por membrana de elementos vazados de concreto, seu corpo dobra a esquina e forma a base do Edifício Veneza, com desenho que cria uma junção entre as torres. Aliado aos pilotis e jardim junto à rua, na esquina, o conjunto cria um contexto urbano que estabelece relação de qualidade com o espaço público, diferentemente dos blocos de garagem opacos que também surgem em edifícios no centro da cidade, em um período anterior à regulamentação de leis de uso do solo para disciplinar o encontro do edifício com a rua.

O Edifício Buriti, de 1976, último projeto de Elgson Gomes a ser analisado, relaciona em sua concepção os principais elementos do repertório do arquiteto, transpostos aqui em um edifício de apenas quatro pavimentos, localizado em área residencial de um bairro periférico ao centro da cidade. Possui duas unidades por pavimento, com apartamentos de três e quatro dormitórios. Neste último, o diagrama de planta revela uma ampla sala de estar como centro ordenador do espaço, com diferencial de possuir um quarto ligado diretamente à sala. Esse ambiente, que pode ser reversível, integrando-se com a sala, também tem função de escritório ou local de estudo, ou, ainda, pode servir como dormitório para um agregado familiar (Figura 10). Trata-se de um espaço polivalente, a ser utilizado conforme as transformações oriundas do ciclo de uma família, adaptando seu uso ao longo do tempo.

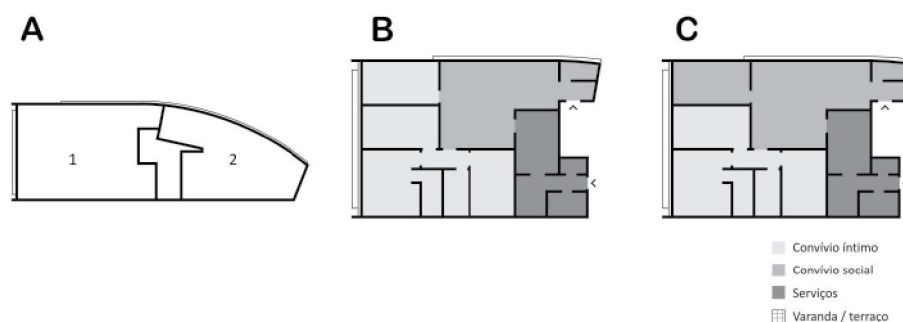


Figura 10: Edifício Buriti, 1976. A) Diagrama com unidades por pavimento; B) Diagrama com distribuição funcional da unidade 1; C) Alternativa de distribuição funcional.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Implantado em lote de meio de quadra, o partido do projeto emerge como um pequeno edifício laminar, levemente curvado em uma face devido à acomodação ao perímetro do terreno, com estreitamento em direção ao fundo do lote. Verifica-se, ainda, especificação de grandes esquadrias, relação entre estrutura e compartimentos internos, floreiras na fachada e elementos vazados de concreto, repertório de elementos comum a outros projetos do arquiteto. Não obstante a repercussão emblemática de seus projetos na forma de grandes torres no centro da cidade, pode-se inferir que Elgson Gomes revela, com o projeto do Edifício Buriti, quase uma síntese de suas posturas projetuais relacionadas a edifícios de apartamentos, atribuindo-lhe relevância a despeito de sua pequena escala.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo reúne elementos para analisar a evolução do projeto de plantas de apartamentos em Curitiba, no período do surgimento dessa tipologia na cidade. A análise apoia-se no mapeamento dos projetos e no seu redesenho no formato de diagramas de plantas, referenciando edifícios emblemáticos que surgiram na região central da cidade. A pesquisa enfatiza as plantas dos apartamentos projetados pelo arquiteto Elgson Ribeiro Gomes, sistematizando sua obra. Assim, consideram-se as seguintes questões a partir da observação dos dados levantados nas amostras analisadas:

a) Inicialmente, na década de 1940, as plantas dos apartamentos eram basicamente desenvolvidas a partir da extrusão total do lote urbano, preferencialmente em lotes de esquina, a criar uma clara divisão entre áreas frontais, mais qualificadas ambientalmente, e áreas residuais internas, com espaços de serviços confinados com fosso de ventilação e iluminação; desenho de balcão curvo na dobra da esquina; área privativa externa com terraço de serviços no interior do lote, com acesso ao dormitório e banheiro de auxiliar doméstico; constata-se certo anacronismo entre a produção de apartamentos em Curitiba e o projeto de apartamentos no mesmo período realizados em outros centros urbanos do país, especialmente os produzidos na esfera dos IAPs; alterações no código de obras e normatizações do uso do solo ainda incipientes; projeto de instalações técnicas com pouca regulamentação.

b) Registra-se, na década de 1950, uma transformação qualitativa dos projetos, por autores com maior nível de instrução e experiência em arquitetura; plantas

desenvolvidas com melhor abordagem técnica, a conferir maior mediação entre arquitetura e engenharias; espaço interior dos apartamentos dimensionado com amplitude espacial dos compartimentos, porém, ainda com divisão em setores estanques; surgem áreas de serviços localizadas no interior da unidade e até na fachada principal do edifício, com disposição como corredor ou como uma extensão da cozinha; expressão estrutural como recurso plástico, com estrutura revelada na fachada e modulação relacionada ao dimensionamento dos arranjos internos; um único banheiro atende unidades habitacionais com até três dormitórios.

c) Autores como Ulisses Burlamaqui, responsável pelo projeto do Edifício Iapi em 1955; e André Masini, projetista dos edifícios Brasília de Araújo, em 1960, e Anita, em 1961, são considerados paradigmáticos na produção arquitetônica de Curitiba, por introduzirem novas concepções de plantas de apartamentos, diferenciando-as dos projetos precedentes observados na cidade.

d) O arquiteto Elgson Ribeiro Gomes atuou em projetos com grande variação do programa residencial, com soluções vinculadas a um repertório de elementos-tipo, recombinações de acordo com as necessidades de cada projeto; alterações do programa habitacional vinculadas com variações do perfil demográfico e renda, para atendimento a diferentes arranjos familiares, com desenho de unidades menores e sem dormitório de auxiliar doméstico; áreas de estocagem, como armários embutidos e despensas, são dimensionados em planta; mediação entre partido estrutural e dimensionamento dos arranjos internos; surgem experiências de projeto que proporcionam maior polivalência no uso dos ambientes; aproximação entre a experimentação projetual e a grande produção do mercado imobiliário.

Finalmente, cabe mencionar que, conforme apontado por pesquisas científicas, existe uma relação direta entre a qualidade da habitação e a qualidade de vida dos moradores, ou seja, a habitação impacta a qualidade de vida dos moradores (PEDRO, 2005). Nesse sentido, uma vez que parcela significativa da população urbana mora nessa tipologia habitacional, aumentar a compreensão sobre a evolução do projeto de plantas de apartamentos pode contribuir para instrumentar o arquiteto nas suas decisões de projeto.

## REFERÊNCIAS

- BOLETIM PMC. *Plano de Urbanização de Curitiba – Plano Agache*. Ano II, n. 12. Curitiba: Secretaria da Prefeitura, 1943.
- BONDUKI, N. *Origens da habitação social no Brasil*. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Fapesp, 1998.
- GNOATO, S. *Documento*: Elgson Ribeiro Gomes. *Revista AU*, São Paulo, n. 70, p. 67-72, fev./mar. 1997.
- GNOATO, S. *Arquitetura do movimento moderno em Curitiba*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.
- GOMES, E. R. *Transcrição de apresentação*. In: BERRIEL, A.; SUZUKI, J. (org.). *Memória do arquiteto: pioneiros da arquitetura e do urbanismo no Paraná*. Curitiba: IAB-PR, UFPR, 2012. p. 30-47.

- LEMOS, C. A. C. *Edifícios residenciais em São Paulo: da sobriedade à personalização*. *Revista Projeto*, São Paulo, n. 133, p. 57-58, jul./ago. 1990.
- PEDRO, J. B. *Definição e avaliação da qualidade arquitetônica habitacional*. Apresentação do programa habitacional e do método de avaliação. Lisboa: LNEC, 2005.
- REIS FILHO, N. G. *Quadro da arquitetura no Brasil*. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- SUTIL, M.; GNOATO, S. *Romeu Paulo da Costa, vida e arquitetura*. Curitiba: Edição dos Autores, 2004.
- XAVIER, A. *Arquitetura moderna em Curitiba*. São Paulo: Pini, Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1985.